Ano XXII — Lisboa, Outubro de 1966 — N.º 258



SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

ADESTRAMENTO PARA A OPORTUNIDADE

É costume simbolizar a oportunidade por uma porta aberta. A figura está certa, mas a imagem não é perfeita. É que a porta aberta sugere situação de estabilidade, ensejo que permanece até que alguém se atreva a aproveitá-lo. A realidade, porém, é que a oportunidade é quase sempre fugaz. A ocasião favorável surge e desaparece no mesmo instante. Há que saber aproveitá-la. É assim como um veículo que se detém um pouco para tomar passageiros e logo marcha abandonando os fracos, os tímidos, todos aqueles que hesitaram, não estiveram atentos ou prontos.

Tantos se lamentam de que nunca tiveram uma oportunidade. Na verdade, muitos deixaram fugir a ocasião propícia porque não estavam preparados. Quando Arquimedes saltou da banheira gritando com entusiasmo — *Eurêka! Eurêka!* — não fora o único homem que até então sentira, ao banhar-se, a impulsão da água. O que o distinguia dos outros era o facto de estar preparado para compreender essa força e poder, portanto, estabelecer o princípio que viria a imortalizar o seu nome.

Será também errado dizer que Fleming descobriu a penicilina por acaso. Tal conquista foi possível pela bagagem científica do seu autor e porque as preocupações do seu espírito lhe permitiam compreender o fenómeno e tirar dessa maravilhosa experiência as conclusões que conduziriam à descoberta de toda a gama de antibióticos.

Se na nossa sociedade o número de oportunidades não é ilimitado, chega no entanto o momento em que se nos abre uma porta. Se hesitarmos, ela fechar-se-á de novo. Baden-Powell previne os escoteiros, recomendando: **Estai preparados para o que vos espera.** Podemos mesmo definir o Escotismo como adestramento para a oportunidade. Visa desenvolver os dons naturais do rapaz, treinar as suas faculdades, para que se transformem em aptidões e lhe permitam desembaraçar-se na vida. Essa é a razão do lema «Be Prepared», **estar preparado,** que nós traduzimos por «Sempre Pronto» ou «Alerta». Duas expressões que não parecem equivalentes mas que têm muito de comum. Se se está **alerta** é porque se está **pronto.**

Aquele rapazinho escoteiro que certa vez estancou a hemorragia arterial de sua mãe e prontamente a conduziu ao posto de socorros, onde teve a dita de ouvir da boca do médico o elogio de ter salvo a vida da sua progenitora, estava bem preparado para aquela crítica ocasião. O escuta que recentemente no Algarve arrancou às vagas um pobre homem que perecia afogado, perante o olhar angustiado e inoperante de tantos, estava também eficientemente preparado. Só o homem sempre pronto pode agir na ocasião própria e ter êxito nas suas decisões.

Continua na pág. 2

Posto de observação

SER OU NÃO SER

Quando assisto ao «Compromisso de Honra» de um novo escoteiro e vejo nele a perturbação própria de quem vive um grande momento da sua vida, fazendo-o esquecer momentâneamente os artigos da Lei que minutos antes papagueava com firmeza e desenvoltura, não posso deixar de ser possuído por um sentimento de inefável amor por este inigualável Movimento, velhinho de mais de meio século, que se mantém admiràvelmente jovem e actual.

Hoje, como em 1908, o jovem atraído para o Escotismo pelo poder excepcional que ele encerra, apresentando-se ao Rapaz como algo diferente do seu

Continua na pág. 7

O ESCOTISMO
E OS PAÍSES EM FASE DE DESENVOLVIMENTO

O problema das regiões subdesenvolvidas está concentrando presentemente a atenção de economistas e políticos de todo o mundo.

Os estudos já efectuados dão a conhecer que o que origina a diferença entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento é o nível educacional da população.

A importância deste factor tem sido reconhecida por círculos internacionais, bem como pelos governos nacionais e organismos privados da economia, os quais têm dado grande realce tanto ao valor quantitativo como ao qualitativo da educação. Grandes somas têm sido dispendidas com a educação, tanto nos orçamentos nacionais e internacionais, como nos das empresas privadas. Os resultados, em algumas zonas, têm sido satisfatórios, contudo, sinto que nos temos limitado ao anseio crescente do aumento das faculdades intelectuais, pelo que não estamos a obter os resultados que se poderiam esperar de um programa educacional verdadeiramente integral.

Pelo
DR. GUSTAVO J. WOLLMER
(Presidente da Comissão Regional Interamericana e Membro do Comissariado Mundial)

A centralização dos governos, das indústrias e dos estabelecimentos de educação nas áreas urbanas, faz com que os programas escolares denotem frequentemente uma tendência que lhe é imprimida por uma sociedade divorciada da experiência prática da juventude em zonas rurais ou em áreas em desenvolvimento.

O Escotismo, sistema educacional por excelência, poderia ser utilizado, com êxito, em países em regime de

Continua na pág. 6

PEQUENA VERSÃO dos "Fogos de Conselho"

Costumavam os Índios norte-americanos e as gentes de outras raças, nomeadamente africanas, nas noites de frio e também nas de festa, acender grandes fogueiras, ao redor das quais, com amigos ou visitantes, era fumado o «cachimbo da paz», tradicional costume seguido desde longos tempos, após o qual se narravam cenas da vida dos mais famosos heróis da raça, presentes ou mortos, seguido de hinos guerreiros, de canções de paz e de danças típicas.

Tais costumes, danças, descantes, marchas e hinos passaram aos nossos dias e à nossa terra, já sem cachimbos, com o nome de «Fogos de Conselho», os «fogos» a que se faz alusão sempre que se narra qualquer grande ou pequeno acampamento de escoteiros e até de alguns núcleos campistas, fogos de que muita gente desconhece o significado.

A vida dos escoteiros em actividade tem muitas semelhanças com a dos Índios (peles-vermelhas) antigos: o nosso gosto pelo ar livre, as mesmas tendas de campanha, mais resistentes e perfeitas as destes, visto nelas passarem a vida, de que as dos escoteiros que lá apenas passam os dias de folga, e as mesmas fogueiras ao anoitecer, para se dar bom timbre ao fim de um dia passado na melhor das harmonias e no mais puro dos ambientes. Na realidade, só quem foi ou é escoteiro sabe íntima ou exteriormente comparar o valor de um ou mais dias passados no campo ou na praia, apesar dos programas não deixarem prevalecer a inactividade, que também não é apanágio do escoteiro, e o valor dos dias que se passam na rotina do café, de passeio e de clube.

Os «fogos de conselho» escotistas, ou fogueiras de acampamento, como lhes queiramos chamar, constam geralmente de palestras instrutivas, canções e marchas, de assuntos de escotismo ou regionais, anedotas, histórias adaptadas à ocasião e de um ou outro bailado, onde, para não fugir à procedência da cerimónia, são por vezes imitados, o mais humorìsticamente possível, os «criadores» da fogueira.

José Manuel Pereira



Escotismo através do Mundo

ESCOTEIROS NO VIETNAM

Em alguns círculos tem sido manifestada preocupação acerca de alegadas actividades políticas dos escoteiros do Vietnam, particularmente no que se refere à publicação de fotografias, nas quais se vêem jovens manifestantes uniformizados, a quem a imprensa chama «Escoteiros Budistas».

Foi o Brigadeiro-General americano John M. Wright, quem esclareceu a situação no seguinte relatório:

«.. como sabem, a organização oficial dos Escoteiros é a Associação dos Escoteiros Vietnamitas, inteiramente separada e sem qualquer relação com o Movimento Juvenil Budista.

«Os rapazes uniformizados, vistos nas fotografias, são membros daquele movimento budista e não da Associação Escoteira Vietnamita. Infelizmente, numa fotografia a branco e preto, os uniformes assemelham-se aos uniformes escoteiros, visto a diferença não ser tão grande que seja perceptível numa simples fotografia.

«Examinei este incidente com o Presidente da Associação dos Escoteiros do Vietnam e com o Comissário Nacional, srs. Hy e Ninh, que se mostraram um tanto embaraçados, mas me asseveraram que aquela associação evita escrupulosamente quaisquer implicações políticas. A Associação inclui Budistas, Católicos, «Cao Dai», Protestantes e quaisquer outros que desejem pertencer, excepto comunistas...».

50.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO LOBITISMO

Comemora-se presentemente o Ano Mundial da Amizade, por motivo da passagem do 50.º aniversário da fundação do Lobitismo.

As alcateias de Lobitos do Reino Unido resolveram enviar um cartão especial de saudações às alcateias dos outros países.

Esse cartão de saudações é acompanhado de um bilhete postal, que deverá ser devolvido pela alcateia que o receber, inscrevendo nele uma saudação e registando o grupo a que pertence, o local da sede e outras indicações de interesse. Ficará assim estabelecido o desejado contacto entre as duas alcateias.

Mais tarde, essa alcateia estrangeira será presenteada com um pequeno álbum.

Os Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal receberam alguns desses cartões de saudação, que foram distribuídos quer directamente, (caso dos grupos 6, 52, 59, 60, 77, 80, 93 e 94), ou por intermédio dos chefes dos núcleos de Vila Nova de Gaia, Lisboa e Porto.

É de esperar que, mesmo os grupos que não possuam alcateia, retribuam as saudações dos lobitos da Grã-Bretanha.

Adestramento para a oportunidade

Continuação da 1.ª página

Naturalmente, toda a preparação exige determinação e esforço. É preciso tenacidade, querer, mesmo sacrifício, tal como o atleta que pacientemente se treina para ganhar a prova. Um dos erros mais comuns entre nós é a tendência para a improvisação, que conduz à ineficiência e ao fracasso. Toda a educação deve combater esse péssimo defeito. Importa ensinar os novos a fazer planos, estabelecer projectos, fixar objectivos até acalentar um ideal. A preparação virá depois, passo a passo, conquista a conquista, por um caminho certo antecipadamente visionado.

Uma porta se abriu há dias para muitos novos. A mais valiosa oportunidade para a mocidade. A Escola reabriu para um novo ano lectivo. Muitos jovens transpuseram a porta, mas nem todos o terão feito com a determinação de quem está ciente da relevância do acto que pratica. O maior erro que se poderá cometer é dedicar fraco interesse ao estudo. O Escoteiro terá de ser contado entre os melhores alunos de cada escola, porque sabe o que quer e tem a firme certeza de que está fazendo o seu preparo para esperar confiante a melhor oportunidade que amanhã se lhe ofereça, pronto para se realizar e ganhar jus a um pouco de felicidade no banquete da vida.

É o momento de aproveitar tão esperançosa oportunidade. Que nenhum Escoteiro a perca.

Artur Moniz Silva

No dia 23 de Setembro p. p., foi distinguido com a medalha de mérito corporativo, o sr. Artur Moniz Silva, conceituado industrial e dirigente sindical dos Açores, pai do nosso estimado amigo e activo delegado de «Sempre Pronto» naquelas ilhas, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do grupo n.º 52, de Angra de Heroísmo.

A concessão desta medalha vem distinguir uma vida por completo entregue às tarefas sindicais, já que o sr. Moniz Silva exerce, há mais de vinte anos, o cargo de director do Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil de Angra. Além deste cargo, tem ocupado outros lugares em diversos organismos. Faz parte da Comissão de Patrocínio do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal.

Ao sr. Artur Moniz Silva, bem como a seu filho, o nosso estimado delegado nos Açores sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, apresentamos as nossas calorosas felicitações por esta honrosa e justa distinção.



O NOME DE UMA PATRULHA

Certa noite, Leopoldo, um bom escoteiro, guia de patrulha, chegou, apreensivo, a casa. Deitou-se e adormeceu.

De manhã, foi procurar o pai. O senhor Lopes estava já trabalhando no escritório.

— Bom dia, paizinho!

— Bom dia, Leopoldo. Deus te abençoe: Então, que se tratou, ontem, na reunião de patrulha?

— Olhe, meu pai, procurou-se o nome de uma figura histórica para servir de patrono. Eu queria que o nome fosse de um herói, valente, audacioso, mas pouco conhecido. Lembrei-me de alguns nomes. Mas, como o pai sabe tanto de tudo, eu resolvi — com o que a patrulha concordou — esperar a sua opinião.

— Fizeram bem. Eu vou pensar um pouco.

O sol entrava, a jorros, pela janela do escritório. Vinha dos jardins o perfume das flores. No céu, esfarrapava-se uma nuvem ténue...

Lá fora, na rua, os rapazes apregoavam jornais.

— Paizinho, já veio o «Século»?

— Já, sim. Aí o tens.

Leopoldo percorreu as colunas. Ao ler as homenagens que, na guerra, um comandante vencedor prestara ao vencido que se soubera bater, perguntou ao pai:

— Paizinho, então um militar pode fazer elogios ao inimigo? Acho isso estranho...

O senhor Lopes retorquiu:

— É que nós devemos apreciar o valor de quem quer que seja, ainda que nosso adversário. E isso é, felizmente, vulgar. Não é preciso falar-se no «Decepado», cujas armas foram, ao que parece, depostas na catedral de Zamora, nem no glorioso capitão Curado, o «condestável do Rovuma», cuja espada lhe foi restituída pelo comandante alemão. Não é preciso evocar esses exemplos. Há tantos, tantos episódios gentis. Agora me estou a lembrar de D. Lourenço de Almeida. Quando caiu para sempre em batalha naval, o almirante inimigo enviou a D. Francisco, pai do herói, uma carta de pesar. E ele era um infiel... Mas vou contar-te um caso curioso.

Fez-se silêncio. O senhor Lopes começou:

— Foi em 1515. Afonso de Albuquerque, o *Grande*, tentou tomar Adem. Num dos terreiros do baluarte, um reinol, muito brioso e valente, chamado Garcia de Sousa, conseguira tomar aquela posição, mas o inimigo voltava à ofensiva com numerosos reforços.

Era necessária, a todo o custo, a defesa do adarve e Garcia suplicava ao conquistador que lhe mandasse gente. Mas tal auxílio não era possível. As escadas arvoradas não atingiam o parapeito. Apenas as cordas se fixavam na muralha.

Vendo impraticável a conquista da cidade, Albuquerque resolveu adiar esse projecto. Por agora, era necessário retirar. Gritou a Garcia:

— Desce pelas cordas, anda! Não te importes com as leis da cavalaria porque isso não é desonra.

Mas Garcia de modo algum admitiu aquela hipótese. Sentia-se vexado em ter de descer pelas cordas, quando subira pela rua. Isso era como que uma fuga E ele nunca havia fugido...

Pensou um tanto. Estava quase sòzinho, pois apenas um mestiço o acompanhava. E a esse, o cavaleiro ordenou:

— Salva-te, João! Leva esta adaga para que vejam como sei morrer pelo real serviço. Vai rasgada de setas e tinta do meu sangue. Ninguém dirá que eu me salvo por cordas. Nunca desço senão por onde subo. Vai! Corre!

Empunhando a adaga e aconchegando ao coração uma medalha com relíquias, o mestiço procurou as forças de Albuquerque. E, olhando com desprezo as cordas que a sua resolução tornara inúteis, Garcia desceu a rampa e embrenhou-se nas fileiras inimigas, despedindo fortes golpes de montante que abriram claros. O sangue golfava e ele parecia um anjo vingador, a própria figura do extermínio. Os olhos chispavam chamas, os dentes rangiam, e ao seu braço forte não faltava o ânimo. E, sobre a turba convulsionada, o seu vozeirão tinha acordes de triunfo:

— Santiago! Portugal!

Alguns dos nossos, que ali estavam, batiam-se como leões. As armas tilintavam, entrechocavam-se, os pelouros tombavam e os corpos caíam, mutilados, horrendos.

Assim caiu para sempre, abatido de uma lançada, o grande cavaleiro. Então, os mouros tiraram-lhe a armadura fendida de mil golpes e guardaram-na, com grandes honras na cidade de Adem (1).

— Vê lá tu, Leopoldo, como, afinal, já conseguiste um belo nome para a tua patrulha. Garcia de Sousa! Que todos os escoteiros gravem no coração o exemplo de dignidade e bravura deixado por esse herói e compreendam que as homenagens ao valor não são de ontem, nem de hoje, nem de cristãos, nem de muçulmanos. São de todos os homens. São de sempre...

Manuel Ferreira

Transcrito

(1) «Gente Portuguesa», do almirante Brás de Oliveira.

DOS AÇORES

O Escotismo na Ilha Terceira

PASSEIO DOS LOBITOS AMERICANOS

Para complemento das actividades de exterior, a Alcateia da Estação Americana da Base Aérea n.º 4, realizou recentemente uma excursão à parte oriental da ilha, sob a direcção do Chefe Moniz Silva, do Grupo 52.

Visitaram Vila Nova e o seu porto, Quatro Ribeiras, os Biscoitos e, aqui, a Adega Regional do sr. Fernando Brum, bem como o porto piscatório e a piscina natural que lhe fica perto.

Foram ainda visitadas as freguesias de Altares, Raminho, Doze Ribeiras, bem como outros pitorescos locais desta formosa ilha.

Tomaram parte nesta actividade 21 pessoas, entre lobitos e seus dirigentes.

CASAMENTO

Em 4 de Setembro passado, na paroquial da Conceição, de Angra de Heroísmo, efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Judite de Fátima da Silva Araújo, filha do Sr. Gustavo Gorgita Araújo e da Sr.ª D. Georgina da Silva Fagundes, com o nosso estimado amigo Sr. Leopoldino da Rocha Tavares, professor do ensino primário e dedicado colaborador da chefia do Grupo n.º 52, filho de Manuel Guiomar Tavares (falecido) e da Sr.ª D. Esmeralda de Lurdes Rocha.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o Sr. João Lourenço Coelho de Castro e sua esposa, Sr.ª D. Maria de Fátima da Silva Fagundes e Castro; e por parte do noivo, seus sogros. Foi testemunha qualificada o Rev. António Rego.

Uma guarda de honra de escoteiros do Grupo 52 prestou homenagem à saída do templo.

«Sempre Pronto» deseja muitas felicidades ao novo casal.

ACAMPAMENTO NO MONTE BRASIL

Acamparam no Monte Brasil, de 8 a 11 do mês passado, diversos elementos do Grupo 52. No sábado participaram no acampamento 16 escoteiros americanos do Grupo das Lajes, sob a chefia do tenente sr. Lyni Healey.

De tarde, o chefe Moniz Silva dirigiu uma visita conjunta ao Castelo de S. João Baptista.

Actividades do Escotismo

TOPOGRAFIA

Levantamentos Expeditos

O Escoteiro deve ser capaz, em qualquer altura e sempre que disso necessite, de fazer um levantamento topográfico, embora sumário, a que geralmente se dá o nome de *croquis*.

Não se dispondo de cartas do E. M. na escala de 20 000, aconselhamos os Escoteiros a que façam os seus *croquis* que, aperfeiçoados e limpos, lhes servirão como as ditas cartas, com maior valor por terem sido feitas pelos próprios.

Para se conseguir fazer um levantamento topográfico, bem entendido que não vamos usar Teodolitos nem instrumentos caros, mas sim pequenos e simples instrumentos que os próprios escoteiros poderão fazer.

Para hoje, aconselhamos um instrumento simples e baratíssimo, que pouco material leva:

Duas réguas de madeira fina, ou de cartão, e três alfinetes formam o nosso instrumento.

Espetam-se os alfinetes nos extremos das réguas, e bem ao meio, de forma a ligá-las como se fosse um compasso.

Usámo-lo da forma seguinte:

No terreno, coloca-se a prancheta com papel, no local escolhido como a 1.ª estação. Procuramos, com o extremo da régua inferior, visar um ponto de referência que nos sirva de 2.ª estação. Dirigida a alidade nesta direcção, procuramos com a alidade ou régua superior, visando através os dois alfinetes todos os pontos que nos pareçam importantes para serem marcados no *croquis*.

Em seguida, medimos a distância que nos separa da 2.ª estação, tanto pode ser a passo, como à vara, etc., e marcamos no desenho esta distância em escala. No segundo ponto ou estação visamos com a régua superior os pontos já visados anteriormente e formaremos no desenho uma série de triângulos que terão as suas bases e catetos na relação da distância medida entre os dois pontos escolhidos para a 1.ª e 2.ª estações.

Este processo não só é fácil e expedito, como rigoroso, quando as medidas forem feitas com rigor.

Explicando — Para melhor compreensão dos leitores menos versados em geometria, aqui damos algumas explicações sobre termos empregados.

Cateto — Se tivermos na nossa frente um quadrado e numerados os cantos de 1, 2, 3 e 4 e juntarmos o 1 com o 3 teremos um triângulo em que 1 e 2 são um lado do cateto e 2 e 3 outro lado do cateto.

Hipotenusa — Se unirmos o canto 1 com o canto 3 a linha que une estes dois cantos chama-se Hipotenusa.

Triângulo equilátero — É aquele que tem os lados iguais.

Triângulo isósceles — O que tem dois lados iguais.

Triângulo escaleno — Aquele que tem os três lados desiguais.

* * *

E, agora, mãos à obra. No próximo inverno vamos a fazer levantamentos expeditos dos arredores da tua cidade ou vila.

VÍCIO OU DESRESPEITO

A senhora agradeceu reconhecida o gesto cortês do jovem e sentou-se com o seu bebé no lugar que aquele acabava de lhe ceder.

A carruagem continua a encher-se até comportar o seu carregamento humano, corpos que se comprimem resignadamente, já habituados a uma superlotação constante dos transportes públicos citadinos e suburbanos. Ambiente pesado, com janelas incompreensìvelmente fechadas pelo receio de qualquer inofensiva constipação.

No banco da frente, o fumador, num gesto inconsciente que o vício tornou automático, acende o cigarro e expele o fumo sobre o bebé, tornando-lhe ainda mais carregado e ofensivo o ar já quase irrespirável. O bebé protesta, chorando, mas o fumador nem sequer se apercebe do seu crime e continua impàvidamente a expelir baforadas que vão poluindo cada vez mais o ambiente.

* * *

Cenas como esta saltam-nos aos olhos todos os dias, numa demonstração que classificaríamos de absoluta falta de civismo se não fora a naturalidade e a inconsciência daqueles que a provocam, como se o seu gesto de fumar um cigarro fosse coisa absolutamente indispensável e necessária para o bom sucesso da viagem.

Depois de estudos que eminentes cientistas nos têm dado a conhecer, será que se considera ainda inofensivo o fumo do cigarro?

Graças ao esforço das autoridades sanitárias, movem-se por todo o País campanhas de profilaxia que muito têm contribuído para a defesa da saúde do povo, acção dispendiosa mas merecedora do maior respeito e da admiração de todos os portugueses.

Porquê dispensar o tabaco dos favores dessas campanhas?

Para além de tudo o que se possa fazer no sentido educativo, principalmente junto das camadas jovens, impõe-se o estudo de uma Lei que proíba fumar dentro dos transportes públicos, vedando assim, a uns quantos a liberdade de conspurcarem o ar que todos temos o direito de respirar, como dádiva sagrada de Deus.

M. G.

Dr. Norberto Lopes

Embora ainda não tenha reassumido, por completo, as suas funções, foi com manifesta satisfação que registamos a presença do sr. dr. Norberto Lopes nas colunas do «Diário de Lisboa», após o grave acidente que o reteve, durante longas semanas, no leito hospitalar e agora em sua casa.

Todos quantos trabalham neste mensário folgam com esta notícia e ao mesmo tempo que saúdam o ilustre director do «Diário de Lisboa», aproveitam o ensejo para formular votos de completo restabelecimento, a fim de, bem depressa, o poderem ver reassumir integralmente o seu posto, onde tem afirmado as suas excepcionais qualidades de escritor e jornalista.

PORTUGAL

representado na Conferência Europeia de Escotismo

Graças à dedicação do Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, Eng.º José Maria Nobre Santos, que se deslocou a Vichy a expensas suas, a A. E P pôde estar representada na Conferência Europeia de Escotismo, que se realizou, em princípios de Outubro, naquela cidade francesa.

A referida Conferência efectua-se de dois em dois anos e nela participam todos os países europeus onde o Escotismo desenvolve a sua acção a favor da Juventude.

Na reunião agora realizada, que, como as anteriores, tem como principal objectivo o desenvolvimento do Escotismo na Europa, foram estudados, entre outros, os seguintes temas: Formação de Chefes; O Escoteiro; Cooperação entre as associações escoteiras e guidistas; Criação de um «Ano de Amizade»; Criação de um programa de estudos ao nível europeu; Realização de acampamentos ou visitas para o ensino e prática de línguas; Organização de intercâmbios; Utilização mais frequente das instalações escotistas de Kardersteg (Suíça); Ajuda às associações recentemente criadas em África e às da América.

Esperamos que, da presença do Delegado português, muito de proveitoso se consiga para o progresso do Movimento Associativo.

«Sempre Pronto» conta poder transmitir aos seus leitores, no próximo número, as impressões colhidas pelo Chefe Nobre Santos, naquela importante Conferência Internacional.

Ferroadas...

* *Certo dirigente, possuidor da I. M., fez alarde, durante o acampamento, de excepcionais qualidades de... telefonista, ocupando-se por largo tempo em operar o posto central dos telefones internos do acampamento. O seu entusiasmo foi tão manifesto que lhe valeu passar a ser conhecido pelo «maluquinho do telefone», graças ao espírito caricaturista de certo vate que dava pelo nome de «Olho Ratão».*

* *Um dirigente, que já não é dos novos mas que ainda não se diz dos Antigos, reconhecido falador, mais uma vez se tornou notado pelas suas constantes intervenções nas reuniões que se realizaram. Ainda há quem perca o latim a discutir inùtilmente e a propor soluções que sabe de antemão não desejarem ser aceites.*

* *Como exemplo de modéstia, não podemos deixar de registar a saída de um dos mais esforçados trabalhadores do Acampamento que, talvez pouco conformado com a referência geral feita à comissão organizadora, desejou dar pùblicamente um abraço, em nome dessa mesma comissão, ao Chefe do Acampamento.*

* *Conceituado dirigente associativo, aproveitou o momento de saudar a rapaziada para lhes fornecer 20 minutos de história familiar e escotista, teimando em falar aos rapazes de um Escotismo que os actuais escoteiros nunca viram porque ninguém lhes mostra. Se calhar os rapazes até gostavam.*

* *Os «Cucos» do Norte, ganharam com inteiro merecimento o concurso «Patrulha Piloto». Todavia, pela forma como os seus dirigentes festejaram o acontecimento, poderá entender-se que se tratava de uma questão de vida ou de morte. Será que se esqueceram de que se tratava apenas de um concurso inter-patrulhas?*

Cuidado com os exageros, rapazes! Atentem no que está a acontecer no futebol português.

* *A forma como foram organizadas as actividades dos escoteiros durante o Acampamento, foi um verdadeiro modelo de como se devem orientar as realizações de tal envergadura. Parece que só os Chefes destoaram do entusiasmo e aplicação dos rapazes. Talvez seja solução, pensar na realização de um próximo acampamento, vedado aos chefes dos grupos ou seus auxiliares.*

* *Também achamos muita piada àquela amostra de cão, obrigada a comparecer na festa do encerramento para ser condecorada. Esqueceram-se foi de referir qual o feito cometido.*

Apartes daquelas comprometem qualquer organização, mesmo bem organizada.

* *Finalmente, não resistimos a referir a greve decretada em pleno Acampamento por alguns chefes. Será por terem os ordenados em atraso, ou o atraso será de outra natureza?*

ABELHUDO

«SEMPRE PRONTO»

e os seus leitores

É bem certo que nas dificuldades se encontram os amigos. A crise que por «Sempre Pronto» tem passado deu lugar a tantas expressões de simpatia que quase nos podemos felicitar por ter surgido esta situação. Repetem-se as manifestações de interesse e amizade dos nossos leitores, o que nos anima a prosseguir e diligenciar resolver os problemas existentes.

Muitos leitores, quando pessoalmente nos encontram, expressam o desejo de se inscreverem como Patrocinadores, afirmando a falta de oportunidade para escrever. Quer isto dizer que ainda há muitos outros assinantes que desejariam aderir à categoria de PATROCINADORES e que ainda o não fizeram por falta de oportunidade para nos escreverem. Pois, amigos, telefonem-nos! E aceitem desde já o nosso agradecimento.

Como temos dito, a assinatura de patrocínio é constituída por uma quota mínima de 50$00 em vez da assinatura ordinária de 30$00.

No último mês, inscreveram-se como Patrocinadores os seguintes nossos amigos: Srs. E. C. Mário Luzano Pereira Leite, e os antigos escoteiros José Dionísio dos Santos, Rui da Silva Marques e Reginard Benvido de Paiva Frazôa, tendo este, com desvenecedoras palavras, enviado 100$00 para pagar o primeiro ano. Também o nosso patrocinador sr. Joaquim Piscarreta, de Lagos, nos escreveu a esclarecer que os 100$00 registados no último número se destinam a pagar o ano seguinte. A todos muito obrigado.

Palavras amigas e judiciosas

A Sr.ª Dr.ª Stephanie Lion, ilustre professora de língua e literatura alemãs, que conheceu «S. P.» através de um exemplar que o Rev. Eduardo Moreira nos fez o favor de lhe enviar, apressou-se a escrever-nos manifestando o desejo de patrocinar o jornal e enviando 100$00 para a assinatura de dois anos. Em carta dirigida àquele nosso prezado colaborador, esta Senhora acrescenta: ... esta vez foi um assunto educativo, interessando-me especialmente. Pois tenho uma predilecção por tudo que se refere à educação, que quase já se pode chamar «uma certa mania», aliás típica dos alemães, por isso às vezes designados como **magistri mundi.**

Enquanto os Portugueses, que tantas qualidades têm, fàcilmente podiam emendar uns pequenos defeitos, se os professores das escolas e os pais se dessem ao incómodo dumas poucas lições pedagógicas... Fez-me tanto prazer o seu artigo «Grandeza e Valor», e outros do mesmo número, que me deu vontade de patrocinar esse mensário...

Estas e outras manifestações de apreço justificam a afirmação de que nos podemos felicitar pelo «Sempre Pronto» vir suportando dificuldades. Estamos certos de que, a manter-se este mesmo interesse e se outros amigos vierem em nosso auxílio, a crise será vencida e o jornal poderá prosséguir na sua publicação.

PUBLICAÇÕES

Por uma política do espírito

Recebemos e agradecemos um exemplar do discurso do Ministro da Educação Nacional, sr. Professor Inocêncio Galvão Teles, «*Por uma política do espírito*», em bem apresentada edição do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, daquele Ministério.

Profilaxia do Cancro

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, cuja actividade editorial acompanha a sua constante e prestante acção educativa e social, publicou mais uma conferência que promoveu em 22 de Setembro passado. Esta foi proferida pelo antigo escoteiro-chefe Sr. Prof. Doutor Edmundo Lima Basto e versou o importante tema da «*Profilaxia do Cancro e suas Possibilidades e Impossibilidades*». O orador, chefe do Serviço de Cirurgia do Instituto Português de Oncologia, conseguiu tecer, em termos acessíveis ao público, considerações valiosas sobre a etiologia do cancro e possibilidades de tratamento.

Podemos considerar verdadeiramente meritória esta divulgação da prestiosa Liga.

Agradecemos o exemplar oferecido.

O Escotismo

e os países em fase de desenvolvimento

Continuação da 1.ª página

desenvolvimento. Ao usar-se o método escotista para aumentar os conhecimentos do rapaz em coisas vulgares, poder-se-ia preparar o terreno para uma melhor utilização das fontes naturais. Ensinando os princípios escotistas da honestidade e da lealdade, poderíamos fortelecer e desenvolver aqueles traços pessoais que deviam frutificar na família, mas que são frequentemente negligenciados em países em desenvolvimento. O treino escotista prepara rapazes física, mental e moralmente para fazerem melhor uso de todas as fontes naturais que lhe são úteis.

Penso que não há investimento mais compensador para um país em desenvolvimento que tornar o movimento escotista extensivo a maior número de rapazes e assim enriquecer o mais importante capital de um país — o povo.

Temo que estejamos perdendo o barco por não usar, o melhor possível, o movimento escotista para o desenvolvimento dos povos.

FILATELIA

Do Boletim de Abril passado do Clube Filatélico de Portugal, transcrevemos com a devida vénia:

Selos e catálogos temáticos

Por
José Manuel Mendes Marques

O extraordinário desenvolvimento que as colecções temáticas têm vindo a acusar, tem proporcionado o aparecimento de catálogos especializados que, por essa razão, possibilitam uma fácil aquisição dos selos e das peças filatélicas, e a consequente montagem das respectivas colecções. Assim, a flora, a fauna, os desportos, a religião, a astronáutica, têm já os seus catálogos editados por várias casas filatélicas.

Sucede, por vezes, aqueles catálogos não corresponderem inteiramente à verdade, não incluindo todos os selos da temática respectiva o que, òbviamente, se presta a confusões no espírito de muitos filatelistas. É um pormenor que convinha ser estudado e recomendado às casas interessadas, a fim de eliminarem todas as possíveis deficiências que, ao mesmo tempo que lançam a dúvida, geram uma certa desconfiança em relação ao catálogo respectivo. Este facto só o podemos atribuir à *ligeireza* de interpretação ou ao desconhecimento das razões que motivam determinadas emissões.

Já aqui lemos um reparo a um temático que havia afirmado só coleccionar os selos constantes do catálogo adoptado, o que demonstra a razão de ser daquela nossa observação.

Dada a importância que a temática de Escotismo tem vindo a usufruir, quer pelo número de selos e peças que a compõem, quer pela extraordinária audiência que o movimento tem em todo o mundo livre, a casa Brun et Fils decidiu, há já alguns anos, dividir em duas partes — Desportos e Escotismo — o seu catálogo de «Desportos».

Como é o mais consultado sobre Escotismo, vamos procurar justificar algumas falhas de que o mesmo enferma, para corroborar o que vimos dizendo. Antes, porém, convém prestar um esclarecimento para os que, porventura, possam ser leigos em matéria escotista.

O Escotismo, movimento para formação da juventude, fundado em 1907 por Robert S. Baden-Powell, é orientado pelas directrizes da Conferência Internacional, ora Mundial após a 18.ª Conferência que teve lugar em Lisboa, que só reconhece o Escotismo praticado nos chamados países livres e cujas organizações se encontram inscritas no *Bureau Internacional*. Excluem-se, portanto, os países de regime totalitário mas, tão sòmente, a partir da data em que foram eliminados daquele órgão superior do Escotismo. Assim, não são de considerar na temática de Escotismo os selos que, por exemplo, o catálogo Torrens insere com essa designação e que, na verdade, não são mais do que selos alusivos aos pioneiros ou a qualquer outra organização estatal.

Todos os selos que o catálogo Brun refere, respeitam ao movimento escotista e, portanto, os únicos a aceitar. Simplesmente, verificam-se algumas faltas, não de peças (assunto a tratar possivelmente noutra altura) mas ùnicamente de selos.

Assim, verifica-se a omissão dos 2 selos (Yvert 20 e 21) do Cabo da Boa Esperança que, com o indicado (Yvert 22), completam a série que constitui o *prato forte* da temática escotista. Na verdade, os 3 selos completam-se e a razão da sua emissão está na base da primeira experiência do Escotismo que, 7 anos depois, haveria de lançar o movimento na senda dos êxitos que todos conhecemos.

Destes e de outros que vamos referir, faremos os necessários comentários num próximo número.

A Hungria, para além das belíssimas séries do 4.º Jambori Mundial, da festa das Guias, Gödöllö 1939, e do valor (Yvert 376) em benefício das sociedades desportivas, emitia, em 1940 e 1941, as séries A45/7 e A47/ABCD em que os n.os A45 e A47/B, reproduzem a figura dum escoteiro na prática do aeromodelismo.

A série Yvert 504/8 da Holanda a favor das obras culturais juvenis, inclui 2 selos, 505/6, com cenas escotistas.

O Liechtenstein, em 1932, emitiu uma série de 3 selos, apresentando o Yvert 110 um escoteiro e uma guia em redor da figura do príncipe Francisco I.

O selo da Polónia, Yvert 414, apresenta um motivo alegórico à restauração do território de Teschen, em cujo motivo aparece um escoteiro com a sua vara.

A Checoslováquia emitiu, em Novembro de 1918, por ocasião dum acampamento internacional, 2 selos com carácter semi-oficial destinados a circularem em território nacional. Em Dezembro do mesmo ano, foram sobrecargados para comemorar a visita àquele acampamento, do Presidente da República. Estes e aqueles selos não são mencionados no Yvert, mas sim no Zumstein, com a designação de «Posta Skautu» e numerados de 1 a 4.

A série Yvert 267/8 da Nova Zelândia, de 1944, emitida a favor das obras para a infância, mostra as princesas Margarida e Isabel em uniforme escotista.

Finalmente, na Turquia, em 2 emissões a favor do Crescente Vermelho, aparecem 2 selos com a figura dum escoteiro que, no Zumstein, têm os números 126 e 161.

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

Visita ao Museu de Marinha

No domingo, 23 do corrente mês de Outubro, os antigos escoteiros levaram a efeito uma visita ao Museu de Marinha.

O dia, tempestuoso, afastou desta actividade certamente muitas das pessoas que nela gostariam de participar. No entanto, um razoável número de «antigos» e de pessoas de suas famílias tiveram o feliz ensejo de apreciar o belo recheio deste Museu, verdadeira lição de História, que só a limitação de tempo não deixou que fosse ainda mais proveitosa.

Foram admiradas, com o maior interesse, as secções do Museu que tratam da epopeia dos Descobrimentos e do glorioso voo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil.

De salientar também, a maravilhosa sala onde estão expostas as galeotas reais e bem assim o avião «Santa Cruz», onde aqueles heróicos aviadores fizeram a travessia do Atlântico Sul.

Alguns dos visitantes seguiram depois para Algés, onde se realizou o almoço da Tertúlia.

Festa do Magusto

Está marcada para o próximo domingo, dia 13 de Novembro, a Festa do Magusto, que se realizará, possìvelmente, no Parque de Escotismo da Caparica.

A Direcção da Fraternal tem em agenda outras actividades, para as quais pede o maior interesse de todos os «antigos», a fim de esta organização poder readquirir o ritmo que, em tempos ainda não muito afastados, alcançou.

SER OU NÃO SER

Continuação da 1.ª página

quotidiano, novidade e mistério que vale a pena conhecer e penetrar.

Mas se o Escotismo tem tal poder atractivo, como se justifica que entre nós o seu efectivo seja tão reduzido?

Para encontrarmos uma explicação razoável, acompanhámos aquele jovem que acaba de prestar o seu «Compromisso» e a quem o Chefe declara ter passado a fazer parte da «Grande Família» que conta hoje cerca de dez milhões de membros espalhados pelo Mundo.

Nos seus primeiros passos no Grupo, aprendeu já a comportar-se como um «homem consciente dos seus deveres». Indicaram-lhe quais os deveres para com Deus, Pátria e Semelhante. Ensinaram-lhe a amar e respeitar a bandeira da Pátria e o Hino Nacional. Explicaram-lhe que a honra é o valor mais sagrado que o homem possui e que aqueles que desejam ser Homens devem seguir sempre pelo caminho da Verdade e da Justiça. Disseram-lhe que devemos sempre procurar ser úteis ao nosso semelhante, procurando fazer, pelo menos, uma boa acção diária, tentando, assim, tornar o Mundo um pouco melhor do que o encontrámos.

Paralelamente a isso, aprendeu alguns mistérios da selva e sabe que certos animais servem de símbolo às patrulhas, onde os escoteiros procuram as suas virtudes. Também já lhe falaram da maravilhosa vida do acampamento, dos jogos ao ar livre, das pistas, do sortilégio das noites no campo, dos fogos de conselho, etc.

Ele esperou ansiosamente o momento agora chegado, em que ganhou o direito de envergar o estranho uniforme e passar à acção.

Mas o Chefe dispõe de pouco tempo ou está demasiado cansado para fazer acampamentos, para organizar excursões, para realizar actividades e o tempo gasta-se com repetidas e intermináveis reuniões de sede, em que o Chefe ensina apenas o que se lembra daquilo que aprendeu, repetindo constantes histórias do seu tempo de menino «esse, sim, quando se fazia Escotismo a valer».

Os rapazes continuam fechados na sede, viram passar o inverno, a primavera já está no fim, depressa chegará o verão e insistem com o Chefe pela realização do sonhado acampamento. O Chefe não tem outro remédio e promete. O dia desejado chega, os rapazes acolhem-no com alvoroço e fazem atabalhoadamente os preparativos, pois a pressa de partir é grande. O Chefe zanga-se porque nem tudo vai como ele deseja e barafusta com os desarrumados ou esquecidos. A alegria dos rapazes é transbordante e eles fazem rebuliço durante o transporte.

O Chefe volta a zangar-se, porque não se portam como escoteiros.

Chegados ao campo, os rapazes, ignorantes, nada sabem fazer e o Chefe sua as estopinhas para erguer as tendas, preparar a fogueira e as latrinas, construir a mesa e fazer a comida. O Chefe zanga-se de novo porque aos rapazes sobra o tempo e brincam desordenadamente, mas ele está demasiado ocupado para os poder orientar.

A hora do regresso chega. Para o Chefe era alívio, para o rapaz uma desilusão.

Resta-lhe agora voltar para a monotonia das reuniões da sede até uma nova oportunidade, que talvez aproveite, se não tiver mais para onde ir. Entretanto, talvez algo de mais atraente surja.

Sabemos que nem sempre será assim, que não é este o único problema que ensombra o nosso Escotismo, mas ele é, sem dúvida, o mais importante, pois, da falta de aplicação e competência dos chefes, surgem as maiores dificuldades que os Grupos vão sentindo.

Todavia, a estes não se pode exigir aplicação e competência sem a menor compensação. Há que dar-lhes o necessário apoio, ajudar à solução dos seus problemas, reforçar e valorizar os seus esforços, estimulá-los com actividades de conjunto, bem concebidas e orientadas.

Não basta, enfim, dizer-se que queremos progredir. É necessário que se faça algo de válido que nos permita acreditar no desejo e nos ajude a seguir confiadamente a nossa caminhada.

M. G.

Dos Amigos de «SEMPRE PRONTO»

Doente

Encontra-se doente e em tratamento atento a Sr.ª D. Fernanda Rolão, esposa dedicada do nosso estimado amigo e antigo escoteiro Sr. Eduardo Rolão, a quem endereçamos com os nossos cumprimentos os melhores votos de boas melhoras.

De luto

O Sr. Almirante Henrique Tenreiro, ilustre presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, encontra-se de luto pelo falecimento de sua mãe, Sr.ª D. Joaquina da Conceição Serra Tenreiro, que contava a provecta idade de 92 anos. Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» apresentam ao Sr. Almirante Tenreiro os mais sentidos pêsames.

●

Nos primeiros dias deste mês, faleceu em Lisboa o Sr. Dr. Wilhelm Lion, esposo dedicado da Sr.ª Dr.ª Stephanie Lion, cujo funeral se realizou para o Cemitério Inglês. Àquela Senhora, nossa estimada assinante patrocinadora, expressamos o nosso muito pesar.



O Escotismo e a Formação Cívica

Assim preparado, depois da sua chegada a uma patrulha, o escoteiro torna-se um chefe em potência, preparado a cumprir os seus deveres para com a Sociedade, que apreende o sentimento de suas responsabilidades e que as assume no seu lugar, grande ou pequeno, que ocupará depois do período de preparação para a vida. Um escoteiro nem sempre é chamado a «dirigir» outros homens. Mas se for fiel ao seu ideal, deve necessàriamente ter preparação para se tornar um *dirigente*, um exemplo por sua lealdade, um tipo de homem com que a sociedade pode contar, quer seja calceteiro, tipógrafo, magistrado ou primeiro-ministro.

«ESCOTEIRO UM DIA, ESCOTEIRO TODA A VIDA»

Como é salutar, nos tempos que correm, ver escrito pelo próprio punho de um escoteiro que já completou 70 anos de idade, as palavras que servem de título às presentes linhas!

Em nosso modesto entender, tais palavras traduzem bem a firmeza de carácter de quem as escreveu e daí, talvez, a vontade de as arquivarmos, visto tratar-se de alguém que foi Chefe do Grupo n.º 65, de Lagos. Devemo-las a Sempre Pronto *pois através da sua voz reatou-se o contacto com Manuel Canhão Fernandes, afastado há 28 anos de Lagos, mas vivendo permanentemente no nosso panorama pela acção cultural e desportiva desenvolvida durante onze anos como militar e como escoteiro.*

Da carta que temos presente, bem digna de ser reproduzida em «S. P.», o que não fazemos por falta de espaço, não podemos deixar de referir a saudade que revela do seu Grupo, que tomou parte no desfile aquando da visita do saudoso Marechal Carmona a Lagos, acampamentos na Meia Praia, pinhal de Marim, em Olhão, etc. A despedida que lhe fizeram na estação de C. F., vive-a agora como então. A sede do Grupo na 9.ª Companhia de Reformados, cedida por contrato que assinou com o Ministério da Guerra, dotado com espaldares, jogos, vareiros para quatro patrulhas, etc., tudo obra dos rapazes que constituíam o Grupo, faz parte do seu extenso relato e, a certa altura, pergunta: Que fizeram a tudo que era de direito do 65?

Nós, que sabemos vivos, senão todos, a maior parte dos que deixaram morrer o que se impunha vivesse para honra de Lagos e do Escotismo em Portugal, porque não acompanhámos de perto a vida do Grupo de Lagos depois do afastamento do Chefe Manuel Canhão Fernandes, confiamos nos últimos dirigentes para uma resposta que satisfaça aqueles que ainda são pela Causa Escotista, que é a única que nos pode conduzir a caminho seguro para uma união que se ajuste aos princípios da doutrina de Cristo.

Joaquim de Sousa Piscarreta

SEMPRE PRONTO

Número 258

Outubro de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Conversando sobre...

O X ACAMPAMENTO NACIONAL

A reportagem de «Sempre Pronto», que acompanhou, com muito interesse, o decorrer do X Acampamento Nacional, deu já conta aos nossos leitores do que foi aquela actividade, exaltando, com imparcialidade, tudo o que de melhor ali se fez e tecendo rasgagados elogios à forma positiva como foi orientado, sobretudo no que se refere à acção dos escoteiros em campo.

É lógico, porém, inferir-se que houve muitas falhas, não obstante a preocupação de acertar, por parte da reduzida equipa orientadora.

Dentro da ideia construtiva que nos orienta, não resistimos a fazer alguns comentários, no desejo de participar no ambiente de meditação e diálogo que sempre existe, ou deve existir, após acontecimentos de certo vulto dentro de qualquer constituição.

Independentemente do entusiasmo demonstrado pelo rapaz e do seu interesse em participar na competição, o que vem demonstrar, à evidência, a plena actualidade dos métodos utilizados no Escotismo, ressalta à vista a fraqueza confrangedora da quase totalidade dos grupos que constituem a A. E. P., quer no que se refere ao efectivo de escoteiros, quer no que se relaciona com as aptidões reveladas por estes quanto à aprendizagem de práticas escotistas.

É triste que se desenvolvam enormes esforços para levar a cabo um empreendimento como é o Acampamento Nacional, para ali mantermos em actividade permanente um efectivo de escoteiros que não se aproxima sequer da centena, mas o que é deveras lamentável é que, de entre todos os presentes, se não encontre uma única 1.ª classe, observando-se reduzido número de 2.as classes e especialidades.

Claro que existe uma explicação para os factos atrás apontados e ela é posta bem em evidência quando alguns chefes são chamados a estar presentes com seus escoteiros numa actividade de conjunto, onde se pode estabelecer um comparativo com o trabalho desenvolvido por outros grupos.

Se para outra coisa não servir o Acampamento Nacional, terá pelo menos o interesse de provar a alguns dirigentes como é errada a orientação que imprimem aos seus grupos.

Certo é que também existem chefes que, não desejando pôr em evidência os seus próprios erros, logo de início se preocupam em assacar responsabilidades aos outros, provocando problemas atrás de problemas, criando um ambiente de desagrado, repleto de incompatibilidades em que eles, as eternas vítimas, não podem permanecer.

Mas voltemos ao Acampamento Nacional.

Houve realmente êxito com a sua realização, mas um êxito pequenino, a condizer, talvez, com o reduzido efectivo presente, o que não permite embandeirar em arco.

E ao falarmos em êxito, devemos acrescentar que este se ficou pela actividade dos escoteiros e patrulhas, o mais importante é certo para uma actividade como aquela.

Verdade se diga que a actividade a dar às patrulhas foi, e muito bem, a preocupação número um dos orientadores, relegando para segundo plano cuidados de ornamentação e aspectos paisagísticos tão realçados em Nacionais anteriores.

Mesmo assim, podemos assinalar outros aspectos positivos do Acampamento, como sejam a pontualidade, a preocupação do cumprimento do programa estabelecido, a regularidade dos serviços de abastecimento, bem como o esquema da montagem dos diferentes subcampos que permitiu a separação útil dos lobitos, escoteiros e caminheiros. E se neste aspecto nem tudo resultou pelo melhor, deve-se à falta de firmeza da Chefia do Campo para vencer mentalidades deformadas e certo espírito jantarista-familiar que, infelizmente, faz parte da orientação de um ou outro grupo, onde se nos depararam, por vezes, cenas burlescas e intoleráveis.

Digna de cuidadoso estudo é a reunião ou, melhor, o conjunto de reuniões de dirigentes, a que se chamou Conselho Nacional de Chefes e que havia sido marcado há cerca de um ano e que não mereceu dos chefes um interesse por ali além, pois se limitou aos dirigentes presentes no Acampamento, o que é bastante pouco, diga-se.

Que se desejaria com a realização do referido Conselho? Receber ou dar sugestões? Quais as conclusões a que o mesmo conduziu?

Pela forma como foram conduzidos os trabalhos, cremos que ao fim de mais de uma dezena de horas que as reuniões duraram, todas aquelas dúvidas ficaram a subsistir no espírito dos presentes, não obstante terem sido escutadas algumas sugestões válidas, que bem mereciam a cuidadosa atenção dos órgãos directivos do Movimento Associativo.

Acrescente-se, porém, a pena que nos faz verificar que boa parte dos chefes presentes a este género de reuniões não tem ideias definidas sobre as matérias naturalmente versadas, não sendo possível contar com o seu contributo para qualquer esclarecimento válido, limitando-se a uma presença muda ou, quando instados a falar, a repetições de pouca ou nenhuma utilidade.

Salvo melhor opinião e com o devido respeito por quantos estiveram presentes naquele Conselho, achamos que o mesmo resultou em pura perda de tempo, sendo de aconselhar à Direcção da A. E. P. que não volte a misturar reuniões desta natureza com actividades vivas, onde o Escoteiro é a figura central e para quem devem convergir todos os esforços dos dirigentes em campo.

Em resumo, o X Acampamento Nacional forneceu matéria merecedora de estudo para quantos se quiserem preocupar com os problemas do nosso Escotismo, quer sejam chefes de grupo, regionais ou dirigentes associativos.

A estes últimos, parece pertencer a principal tarefa de restauração, depois de definirem, lògicamente, se de facto desejam o restabelecimento da A. E. P.

Três coisas ficaram bem evidentes:

1.º — O Rapaz continua a gostar de Escotismo, desde que este lhe seja apresentado no seu figurino verdadeiro, que, por força do seu extraordinário valor, continua assombrosamente actualizado.

2.º — Fazer Escotismo é tão extraordinàriamente fácil que um limitado grupo de boas vontades, trabalhando durante alguns meses com interesse, conseguiu improvisar uma estrutura base que suportou, sem grandes problemas, uma actividade algo complexa como é um Acampamento Nacional.

3.º — Muitos dirigentes desconhecem os mais elementares princípios escotistas, negando aos rapazes, por força da sua ignorância, um conhecimento exacto do ideal do Movimento.

Esperamos com fé que outras vozes venham tomar parte no diálogo e que, depois delas, surjam as almejadas decisões que conduzam o Escotismo Português a um caminho de prestígio, que muito beneficiará os jovens e a Pátria.

M. G.